



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

DIRECTOR E EDITOR:

Padre Américo

Relação, Administração e Proprietário:

Casa do Gaiato do Porto — Paga em avos

Vales do Correio para Cete

Composição e Impressão — Tip. da Casa

Nun'Alvares R. Santa Catarina, 628-Porto

Preço 1000

## O DECALOGO

**E**NTRAMOS desde já no quarto mandamento, visto como é da família que vamos hoje tratar. Famílias que se degradam nas ruas, que essa é justamente a nossa especialidade. Nós somos a Obra da Rua. Nós falamos do que conhecemos. Fale cada um da sua especialidade e terá menos probabilidades de errar. Ora muito bem. Um caso: Temos aqui um rapaz de uns onze anos, que foi das ruas de certa cidade e veio a rôgo de um outro que cá temos conhecido e amigo dele, o qual foi por si mesmo busca-lo. Rapazinho fraco, compleição fidalga. Tem obrigação moderada, liberdade de pedir aos cozinheiros o que lhe apetece, anda-se com êle ao colo, por assim dizer. Nós somos *A Mãe*. Ele tem mãe e tem irmãos e creio que também pai. Da mãe, sei eu que estava aos bons cuidados de uma família e de lá, de quando em vez, perguntava pelo filho, razão porque me determinei a ir por aí abaixo dar notícias. Eu sou o recoveiro. Não tenho de apresentar contas de viagem.

Eu era do Patronato das Prisões, naquêlo tempo, e costumava ir pelas cadeias, todas as cadeias do Centro do País, consolar os Reclusos. Um dia apresentei contas. Deram-me o dinheiro de má cara e que nunca mais! Mas agora não é assim. Sou um homem livre. Livre de peias burocráticas.

Uma vez na tal cidade, em casa da tal família, soube de um passo que a mãe dera, pelo que já se não encontrava ali. Não vale a pena dizer que passo foi. Todos o sabem!... E' que são tantas as mulheres a dar semelhantes passos, mães também, que se não fôra o Decalogo, havíamos de os tomar por bem dados!

Ora o Decalogo está. O Decalogo é. O Sermão da Montanha não interfere com a Lei do Sinai. Limou as arestas, sim, mas não tirou nem pôz nada. Por isso mesmo é que esta mãe perdeu a autoridade de governar êste filho. Trocou-o por um homem das ruas. Desonrou-o. Eis o seu pecado. Não se trata de saber aonde começa nem até aonde vai a sua culpa. O nosso *tribunal* não julga. Nós não estamos aqui para julgar ninguém.

Mas temos de assentar principios, fazer doutrina, levantar barreira. *Educar*. Com autorização nossa, êste rapaz jamais terá comunicação com a sua mãe. Nem por cartas, nem por sinais, nem por nada. E' o Decalogo. Não me tenho por mais do que os outros. Também eu peço muitas vezes por pensamentos, palavras e obras e se alguém diz que não peca, êsse mente. Não me tenho por melhor, sim, mas não me posso calar. Falariam as pedras da rua, se eu não proclamasse os direitos do Senhor. Como este caso de hoje, quantos casos! Contra a veracidade deles, só a Verdade. Esta doutrina mansa, prêgada a estes rapazes com lagrimas interiores, tem dado e há-de forçosamente dar os seus frutos. Ou não houvesse dôr naquilo que se lhes diz! Dôr desta gente da rua, a quem falta preparação para resistir, inteligência para compreender, pão para se alimentar, casa para viver, dai a moral deles. Pois tem dado os seus frutos, sim.

Os nossos rapazes vão compreendendo a beleza e a dureza do Decalogo. Sobretudo os mais velhos, já dão fé. Mantêm silencio respeitoso quanto às suas Mães. Alguns são, até, asperos. Há dias, saiu daqui uma carta de um filho para sua mãe, que era um verdadeiro sinapismo. Assim ela o sabia aplicar. Cuido que não. Os hábitos são uma segunda natureza. Nem êste é o nosso propósito.

O que a gente quer é abrir caminho a estes nossos rapazes. Que eles compreendam. Assim como agora vão sentindo a desgraça de haverem sido desonrados por seus pais, assim se obriguem desde já, em consciencia, a honrar, mais tarde, os seus filhos. E' o Decalogo.

## NOTA DA QUINZENA

**D**ESDE que me tomaram à conta de mestre, eu não tenho outro remédio senão fazer doutrina. Ora vamos lá. Um destes dias, estava uma camionete de repolhos a descarregar, à porta do mercado do Anjo, que diz para a Relação. Eu passava e observei. Era um monte de repolhos por aí acima. De bombordo, descarregavam uns homens, para dentro de cestos. A estibordo, era uma manada de garotos a fazerem o mesmo, só que, em vez de conduzir a hortalica para o Mercado, passavam a outros garotos, os quais fugiam cada um com seu repolho! Eu não estava ali sózinho nem eram horas mortas. A multidão passava, mas não fazia caso. Parece que é costume fazerem os garotos as suas provisões à porta dos mercados e por aquela maneira. O povo acha-lhe graça, encobre, e desta sorte

todos nós concorremos para a formatura dos cadastrados. Aquêlo ser perigoso que hoje toda a gente teme, começou por furtos pequeninos, quando êle era ainda infante, à porta dos mercados e às vistas de toda a gente. Furtos pequeninos. Coisas pequeninas. Caminho da perfeição...! Ele há muita gente que cuida ser a elevação moral de um povo, obra de meia duzia, e não é assim. Toda a comunidade é chamada às armas. Que pode fazer a Casa do Gaiato sózinha? Sómente encarcerar esta verdade. Nós somos uma testemunha de acusação da ignorância culpada dos homens de todas as categorias sociais, em primeiro lugar dos mais inteligentes e mais influentes. Acusamo-los de pretender ignorar a riqueza espiritual de cada uma das creanças que furtam repolhos das camionetes, à entrada dos mercados. Acusamos, sim, porque somos também testemunha, dentro das nossas casas, do mal que em si trazem os pequeninos gatunos. Peixe nas praias, fruta nas vendeiras, hortalica nas praças, lambarices nas lojas, eis os primeiros degraus do calvario que estas creanças amanhã homens, hão de necessariamente subir. Calvário deles. Calvário nosso. Feridas tão fundas, que tendo sido feitas na rua, de coisas pequeninas, por almas pequeninas, levam um rôr de tempo e são difíceis de curar. Nós somos testemunha. Nós lidamos com eles. Nós sofremos por eles. Nós não nos atrevemos a pôr a mão no lume por nenhum deles, apesar de muitos estarem a dar provas animadoras no comercio e na industria do Porto. Nem por isso podemos afirmar aos Patrões que teem ao seu serviço rapazes de inteira confiança. Oh Dôr! Dôr minha.

## DESABAFO

Tenho uma grande magoa no meu peito. Sou imitado! Imitado no estilo, que é precisamente o que ninguém é capaz, e se o fizer, é imitação! Ora pode muito bem acontecer que os imitadores tenham de seu mais vigor, mais espirito, mais visão, mais originalidade, — tudo mais e melhor do que êste pobre de pedir, e teem, seguramente, a sua maneira, o seu estilo, a sua personalidade. Sendo assim, porque não há-de cada um usar aquilo que é seu?! Não acho bem. Vamos que eu

## MAIS VIAGENS

**D**ESTA vez não é de Lisboa que se trata. Foi por outros sitios. Arouca, vem em primeiro lugar. Temos cá um peregrino que dizia ser de Arouca, e nada mais sabia a seu respeito, quando algo se lhe perguntava. Apareceu cá em Setembro de 1945. Chegou o tempo de indagar. Fômos por aí fora no *Morris*, êle mais eu. Era agora ocasião de fazer um bocadinho de prosa, a narrar e a descrever o maio florido, pra regalo dos leitores e aumento da fama que tenho. Era sim senhor. Porém, o *Arouca*, fritou-me com perguntas toda a viagem e secou as fontes de inspiração. Pra outra vez será!

Chegamos ao Burgo. Perguntou-se. Apareceu a mãe. E' viuva. Tem mais filhos. Achou o Alfredo (assim se chama o *Arouca*) muito lindo, muito fero. Já sabia pela senhora professora que o seu filho estava numa casa muito boa. Se não fôsse a distancia, já o teria ido vêr. Quando dei fé, estava meio mundo em redor. A curiosidade. A pasmeceira nacional.

*Fugia-me de casa*, continua a Mãe. *Nunca sabia dele. Andava por lá.*

Ora aqui é que bate o ponto. Temos uma data de rapazes à nossa conta, de quem os pais dizem precisamente a mesma coisa. Muitos deles. Estes, assim como o *Arouca*, chegam à nossa porta, entram na nossa vida e prendem-se; — *Se, a si mesmos*. Propositadamente dou hoje a lume este facto, filho de uma observação pessoal e interessada, qual testemunha do desentender de um invento. A creança vadia, quer o seu elemento. Afeioa-se ao seu elemento. Nós somos aqui uma especie de vadiagem. Eles chegam. Entram na *desordem*. Começam por *vadiar* nos trabalhos que se lhes destinam. Quando tal, sem violencias de parte a parte, encontram-se uns homensinhos. Este *Arouca* foi assim. Fugiu umas tantas vezes. Regressou outras tantas. Hoje é um trabalhador. Esteve ausente numa Casa de Saude do



# MAIS CARTAS

Aqui há tempos um senhor amigo do jornal e ansioso da sua expansão, aconselhou-me a ir ter com os jornalistas de nomeada, a pedir colaboração. Disse, até, nomes. Enquanto escutava as razões do amigo, ia dizendo com os meus botões: — *Eis um coveiro de boa fé!* Sim. Seria a morte irremediável, do quinzenal.

Caia-lhe a crista, a seguir as penas, depois a morte! Os fundos compactos não são práqui. Tão pouco os escritores. Esta carta sim. Cartas como esta sim. Ora tenham a bondade de ler. Eu cá subscrevo inteiramente, totalmente: Até a palavra *roubo*, em vez de mito, ao falar das fortunas. E os banquetesinhos. E os senhores benfeitores dos asilos. E os meninos nos enterros a cantar o *miserere* em virtude do legadosinho ó asilo?!

Eu, cuja vida se passa dentro das Letras e literáticas, eu que por vezes já não tenho paciência para ler os melhores autores leio dum só trago «O Gaiato». Porque «O Gaiato» não traz literatura, letras mortas, mas pedaços de vida, dessa vida universal, sem barreiras sociais, nem rálicas, dessa Vida com maiúscula de que tão poucos vêm a beleza. Também eu idealizara fazer dentro do ensino qualquer coisa de grande e de belo. Não tinha porém a envergadura e falhei. Por isso a minha admiração pela obra é maior ainda. Vejo realizar aquilo que eu idealizei e por isso eu «associo-me» à obra, visto que é ela que interessa. Por vezes, um chefe deficiente, pode ser um magnífico auxiliar por estar integrado naquilo que se deseja realizar. O que importa é conseguir que deixe de haver párias na sociedade e que todos tenham direito a ser livres material e moralmente, deixando os pobres de ser animais domésticos vivendo das migalhas dos ricos, dando a estes uma ilusão de generosidade. E é preciso ainda acabar com os asilos donde as creanças saem apenas com o pesado fardo duma eterna dívida de gratidão para com os ricos benfeitores. É preciso criar o gosto pelo trabalho, incutir o direito e o dever de trabalhar e criar assim um lugar na sociedade. Desfazer o mito (para não dizer, roubo) das fortunas congeladas. Por vezes quando cruzo na rua com esses rapazes abandonados, esfarrapados, sujos e famintos eu sinto vergonha e desgosto, mas um desgosto objectivo que vai mais longe do que a dor de os ver assim, que vai até à tristeza de pertencer a uma sociedade cega que ainda não viu verdades tão candentes. Que riqueza se todo este potencial humano fosse aproveitado! Como podem os grandes homens prever os benefícios futuros das fontes monumentais e dos banquetes de confraternização, e ignorar a fonte de energia e riqueza que seria a «humanização» do seu semelhante!

Porque eu sinto que esta obra é um pouco a minha obra (perdoe-me a vaidade) eu não cesso de fazer a propaganda. Ela é oral, ela é escrita. Instalo-me e faço o prefácio à laia de aperitivo. Depois vai «o famoso». Ele é quem fala. Os números que tenho andam num virote. Já são só mesmo uma aparência de jornal. E eles de regresso à base e eles a partirem. «Vamos a isto. Quem mais quer ler?» E para «simplificar» peço logo o dinheirinho, porque ele às vezes passa-se tanta coisa entre a intenção e a realização! Mas o que sobretudo me dá satisfação é que não só eles pagam como por si começam a propaganda, encontrando-se por vezes 2 «inflamados» cada um com intenção de converter o outro. Pode dizer ao Piriquito que Lisboa está a armar-se. É raro que não se comunique o fogo quando a nossa chama é clara e viva.

## Outra carta

Prêgue-nos doutrina prática, viva, das coisas da vida, assim, às claras, com força, com gritos, «pregue» muito no Gaiato, sim? Todos nós somos um pouco ou bastante, «criança da rua» com muitos defeitos, muitos pecados ocultos, já tomados como naturais, à força de os não «vermos» por não serem apontados em voz alta, firme, poderosa e constante! E também pecados não ocultos de egoísmo, sofreguidão pelos bens e regalos do mundo, falta de bondade e respeito pelos outros mais fracos! Ah! cada um de nós é também, na alma, «criança abandonada da rua!»

Não quero ser eu o único. Que outros prêguem também deste mirante. Eu sou ouvinte. Tenho muito medo dos pecados ocultos tomados como naturais à força de os não vermos. Tenho muito medo. Tenho medo dos calos na consciência. Da paz... falsa! Esta carta é um aviso para mim.

# Notícias da Casa de Miranda

por José Pinho de Carvalho

Agora têm vindo muito mais pessoas visitar a casa do que dantes. Ainda há pouco tempo cá veio um grupo de meninas do liceu de Coimbra que eram quase oitenta. Ficaram muito contentes e algumas até disseram que haviam de cá voltar outra vez. Combinaram entre todas e deixaram cá 260\$00.

Veio cá há pouco o Senhor Padre João da Covilhã, que está no Seminário de Coimbra dizer a sua primeira missa. Quando ele chegou fizemos uma grande festa. O Snr. Padre Adriano mandou comprar foguetes para deitar quando ele chegasse. Uns começaram a tocar a sineta da capela outros a do refeitório. O Bucha trouxe a campanha da missa, outros tocavam latões. Fizemos um barulho infernal. Este Snr. Padre gostava muito de vir para cá para a obra. Alguns chegavam a combinar em segredo, quando fossem a Coimbra vender o Gaiato, ir ao Senhor Bispo pedi-lo para cá, mas o Snr. Padre Adriano soube-o e não deixou.

No domingo passado vieram cá quase 200 rapazes e raparigas das escolas de Miranda do Corvo e trouxeram farinha, vinho, bacalhau, e azeite oferecido pelo Snr. Dr. Carlos. Nós demos cá cinema, na sala de jantar que estava à cunha. Tivemos de escorar as vigas para não desabar tudo. No fim fizemos um desafio com eles em que a gente ganhamos por um a zero.

Chegou cá há pouco um postal do pipita que fugiu primeiro daqui e depois de Paço de Sousa e foi apanhado pelos polícias no Porto e está na Tutoria. Pedia para voltar para cá. O Snr. Padre Adriano leu-o à noite. Dizia que já estava cheio de tutoria, e que lá é um presídio. Não fosse tólo O herotto que é irmão dele, teve mais juízo, já vai este ano fazer o exame da 4.ª classe. Ele quer continuar a estudar.

As nossas oliveiras estão carregadas de flôr, mal vem um bocadinho de vento cobre-se logo o chão dela. Os que varrem as ruas levam carregadas delas para o lixo. Vamos a ver se este ano temos mais azeite que o ano passado, temos andado à rasquinha para o comprar e ninguém nos oferece nenhum.

O três-pêlos é muito amigo dos miudos às vezes eles fazem uma festa atrás dele a chamarem ó pai velho ó pai velho!

## Ainda outra carta

Li com muito agrado as notícias vindas no Gaiato e fiquei admirado de eu também lá vir, não esperava tal, pois é a primeira vez.

Hoje chegou aqui a casa o Filipino trazendo com êle uma boneca embrulhada e por fora dizia assim: — «Boneca, para a filhinha do snr. Manuel Carvalho e primeira neta da Obra da Rua».

Não dizia mais nada. Ora como eu não sei quem a mandou eu queria que o Pai Américo agradece-se aí num cantinho do Gaiato ao anónimo que enviou a gentil lembrança para a minha pequenita. A alegria dela não tem descrição quando lhe dei a boneca, fez-lhe uma grande festa.

É a primeira vez que este meu filho vem num jornal, como êle próprio confessa, manifestamente admirado. Outros que aqui teem aparecido dizem a mesma coisa e rejubilam. Todos gostam de se vêr. Até eu, que passo por ser uma creatura modesta, tenho pena de rasgar os jornais aonde a minha cara aparece! E gosto de ficar bem!!

O Manuel Carvalho quer agradecer a boneca que alguém, de Lisboa, mandou para a primeira neta da Obra da Rua, uma sua filhinha. O senhor da Boneca, residente em Lisboa, já estava pago de tudo, pela alegria de ter comprado a boneca com o seu dinheiro. Sim. Já estava. A gratidão do Pai, a alegria da pequenita a fazer-lhe uma grande festa, — são acrescimos.

Feliz o homem que não quer nada para si. A êste tal, quem quer seja, constitui Deus fiel dispenseiro de bens que necessariamente lhe confia. Ora a verdadeira alegria de dar, nasce aqui. Nem homenagens, nem comendas, nem lapides, nem muito obrigado, nem nada.

# ASSINATURAS PAGAS

Isto é que tem sido senhores e senhoras a pedirem que lhes tire o nome da lista, com dinheirinho à frente! Tantos! Tantas! Um furão em lura de coelhos, não fazia mais nem melhor, do que tem feito a tal circular, no meio dos nossos amigos. Eles são tantos! Eles são todos quantos acodem à chamada, a julgar pela forma e maneira de dizer. Até hoje, ainda não apareceu nenhum que não traga uma explicação da demora, eles, os assinantes, a quem eu devo tudo. Quem é que me deve alguma coisa? Porventura trabalho eu por amor de algum mortal?

E que dizer dos senhores que refilam, quando lhes falta o Gaiato? Agora mesmo, de Alcanena, apitou um assinante, ó telefone. Mandê o meu. E deu nomes de novos assinantes. Mais. Está aqui uma carta, de onde retiro estas falas: *O meu Gaiato tem-me ajudado, não sei sob que poderoso influxo, a vencer a minha natureza inquieta e revoltada. A minha condição de estudante pobre, não permite que eu ajude tanto como queria. Mas não valerão as minhas orações para suprir a falta?* Oh se valem! Pois aonde é que se encontra o centro das obras de poderoso influxo, senão na oração?! Aonde os grandes? Que é dos sábios? Os que fazem da sua vida uma oração! E cá vamos prós trinta mil. Não sei que sabôr tem o jornal!

Abílio Ferreira, Comerciante, 20\$; João Meixeiros, Comerciante, 20\$; Vicente Carvalho, 20\$; Abílio Teixeira, Comerciante, Laurindo dos Santos Freitas, Comerciante, 20\$; Dr. Júlio José Rodrigues, 20\$; João Baptista Roque Chaves Comerciante, 20\$; António Augusto Xavier, Comerciante, 20\$; António Taveira da Rocha, Comerciante, 20\$; Francisco Galucho, Comerciante, 20\$; José Alberto Galucho, Comerciante, 20\$; João José Alves, Comerciante, 20\$; Ernesto Ferreira dos Santos, Comerciante, 20\$; Mário Augusto Valpaços, Comerciante, 20\$; todos de Carreirado de Montenegro.

O da C. C. Coimbra, 50\$; Dr. J. Soares Santa, Lisboa, Alfredo Eduardo de Almeida, Móra, 300\$; António Manuel Gaiato, Setúbal, 50\$; Condessa Margaride, Guimarães, 500\$; João Vale Almeida Dias, Viseu 20\$; José Rosmaninho, Murtosa, 20\$; Padre Mário Augusto Carreira, Azinhoso Mogadouro, 50\$; Mário Ramires, Porto, 50\$; Maria Cândida Fonseca Pinto, Nave de Haver-Vilar Formoso, 20\$. Olinda da Silva Marques, Rio-Meão-Vila da Feira, 25\$; Paulo Azevedo Cunha, Lisboa, 100\$; Manuel Rodrigues da Silva Veiga Mealhada 2 anos, 30\$. Fernando Miller Flemmig, Foz do Douro 2 anos, 50\$; Emília de Castro Frazão Castelo-Branco, Castendo Vales, 50\$; António Policarpo Lopes da Silva, Ribatejo Vila Moreira, 100\$; Serafim de Almeida Magalhães, Fanzeres Rio Tinto, 20\$; Eng. Joaquim Eva isto da Silva Lisboa, 50\$; Professora Maria Augusta Atanásio Mendes, Vale de Azarés 25\$; Adélia Mendes, Vale de Azarés, 25\$; Albertina Magalhães Porto, 20\$; Hermengarda Seabra, Coimbra Gaia-2 anos, 70\$; João Moutinho, Rio Tinto, 40\$; Mário Beza, Porto 20\$; Maria Júlia Pais Vieira Braga, Porto, 30\$; Casa Bat lha, Lisboa-3 anos, 180\$; Maria de Sampaio e Melo Eg, Viana do Castelo, 50\$; Grande Bazar do Porto Porto, 90\$; José Manuel Pereira Conceiro, Sabugal-Soito, 50\$; Helena Vieira de Sousa, Favales-Alto Douro, 50\$; Manuel Francisco Nuno Pais, Sangalhos Paraino, 20\$; Dr. Pedro de Castro, Porto, 50\$; Maria Emília de Araújo Abreu, Guardizela-Guimarães, 50\$; Maria Eugénia Archer de Carvalho, Coimbra, 50\$; Francisca Veiga da Costa e Almeida, Douro-Micão, 20\$; Vasco de Matos Trigo, Porto, 30\$; Amigos da Casa do Gaiato das Minas de S. Pedro da Cova, 25\$; Joaquim Domingues Freitas, Porto, 25\$; António Policarpo Lopes da Silva, Ribatejo-Vila-Moreira, 100\$; Serafim de Almeida Magalhães, Fanzeres-Rio Tinto, 20\$; Engenheiro J. E. S., Lisboa, 50\$; Maria Amélia Chates de Azevedo Conceição, 2 anos 40\$; Engenheiro F. da Costa Veiga, 100\$; Manuel Alves Cunha, 500\$; Joaquim Pinto da Silva Lino, 20\$. Carlos Alves da Silva Cunha, 100\$; Tinto de Porto de Mós. Francisco Alves da Silva Cunha, Ermezinde, 100\$; Augusto da Silva Cunha, Porto 100\$; Augusto Alves da Silva Cunha, Porto, 100\$; João de D us Lima, Amadora, 50\$; Dr. Agostinho Vaz Patto, Gramagos-Oliveira do Hospital, 50\$; Maria da Glória Rebelo de Figueiredo, Viseu, 50\$; V second a de Freixedo, 120\$; Alfredo dos Santos Godinho, S. Roque-S. João da Madeira, 20\$; Major Alberto Cardoso Martins de Menezes Macedo, Margaride-Casa de Caveiras-Guimarães 100\$00.

Maria da Natividade Mónica, Ferreira do Zêzere-Aguas Belas, 30\$; Dr. Carlos de Sacadura Bate Pinto Mascarenhas, Lousã, 20\$; Carlos Rodrigues da Silva, Lisboa (2 anos) 50\$; Maria Isabel Trigueiros, 25\$; José Trigueiros Frazão, 25\$; Maria Celestina Pereira, 25\$; Maria de La Salete Trigueiros Frazão, 25\$. Todos do Fundão.

Francisco Lopes Moreira, Soutelo-Mogadouro, 20\$; Padre Julio Afonso, Remondes-Mogadouro, 20\$; Rosa de Jesus Pascaia, Murtosa 80\$; Maria Agostinha Carrocha Murtosa (2 anos), 40\$; Albina Patusca, Murtosa 20\$; José de Sousa Guedes, Foz do Douro 100\$; António Lopes da Cunha Magalhães, Senhora Aparecida, 20\$; Armando Fernandes Pereira da Silva Seixal, 20\$; Maria de Ballegorde Pereira Vilar, Africa Oriental Beira (2 anos), 100\$; Dr. António de Saldanha Moncada Sousa, 500\$; Elisa Caitano, Ponta do Sol 50\$; Ricardo Rocha, Santo Tirso 50\$; Raul Pereira Lourenço, Santo Tirso, 100\$; Maria Helena Coelho Almeida Alvelos, Lisboa, 20\$; José Mota Carvalho, Santarém (2 anos) 100\$; Engenheiro José Lucena, Lisboa 100\$; Ida Cabral Pinto Andrade, Viseu, 50\$; David Nunes, Lisboa, 100\$; Albergaria Beza, Porto, 100\$; António Maria Alves de Barros, 20\$; Maria Júlia Coimbra, 20\$; António Hildebrando da Silva, 40\$, Isabel Ferraz, 25\$; Jacques Nunes, 50\$; Maria Adelaide Azevedo Moura, 20\$; Maria Clementina Vasconcelos Barbosa, 50\$; Manuel Vasconcelos Barbosa, 30\$; Joaquim Gomes de Sousa, 20\$; Maria da Graça Araújo, 20\$; Atália Laura Marques Neves, 20\$00; Maria Amália Marques de Pádua, 20\$. Carlota Sande e Castro, 30\$; Alda Peixoto de Almeida, 30\$; Maria do Céu Marques Valença, 20\$; Maria José Lima, 50\$; Isabel Pinto Braga, 20\$; Laura da Abreu Valença, 30\$. Todos de Braga.

# Isto é a Casa do Gaiato



UM dos vendedores do derradeiro número, trouxe uma incumbência cheia de interesse, que o rapaz expõe imediatamente ao chegar a casa, também ele muito interessado. Todos os nossos deliram com as nossas coisas, que são, afinal, a nossa vida. Uma senhora compra o jornal e requer um ovo da garnizé do Periquito. Não demores que quero botar a galinha. Ao despedir-me dos vendedores e já na rua, berra-me um da janela: *olhe o ovo prá senhora. Não se esqueça!* Esquecer-me? Seria desprezar o que a obra tem de mais belo, — estes pequeninos nada! Uma vez chegado, chamei o Periquito e comuniquei. Que sim. Não havia nenhum em stock, mas o rapaz pôz-se em campo imediatamente e a senhora a estas horas, deve ter alguns ovos da garnizé do Periquito a chocar. Muito desejaria que assim acontecesse, porquanto teríamos naquela família uma pregação viva da nossa Casa: Ele os ovos no choco. Ele o pintainho a sair.

Ele a garnizé a crescer. A presença rial da nossa desordem aos daquela família e às visitas. E' a revolução.

A senhora, ao pôr o seu requerimento nas mãos do Amândio, perguntou quanto é que o Periquito leva por cada ovo. O Periquito não leva. Não deve levar. Não pode levar nada. A galinha foi-lhe oferecida. Eu é que lhe mantenho. Será muito que ele dê de graça o que de graça tem recebido? Esta consideraçãoinha devia ser alimento espiritual daquele mundo que se tem nas suas tamancas cuidando, nesciamente, que tudo merece e nada deve!

HOJE de manhã o Camuêca entregou uma data d'ovos. Ovos de pata, de peru e de galinha. De cada seis dá-se um. Cozido ou frito, à vontade de quem faz a entrega. E' lei estabelecida por costume. Os rapazes vão aos ninheiros e escondem os ovos até à conta dos seis. O campeão tem sido o Melgaço. E' raro o dia em que ele não tenha um ovo, por entregar seis ovos. O sorriso e boa disposição deste catraio, valem a obra. Enchem a nossa aldeia. Nunca tivemos nenhum assim! Duas coisas preciosas trouxe do Alto Minho, na maré em que ali fui: Este rapaz que tenho comigo e a tarefa que ali me deram e lá deixei ficar.

O *Marão* foi ontem seriamente atropelado por um automóvel. Pelo nosso Morris. Foi de noite. O carro vinha de fora, o *Marão* atira-se e o resto supõe-se. O *Marão* foi levado ó colo para a casa três, atendido, e ali dormiu debaixo da cama do Amadeu até ao dia seguinte. Tem sido o assunto do dia. A porta da jaula é ponto de reunião.

OS leitores já sabiam que nós temos abelhas, e se não sabiam, ficam agora sabendo. Temos sim senhor. Uma pancada de colmeias e alguns cortiços. Como quer que o professor Arlindo tivesse falado no mel, e que se vai tirar o mel, e que este ano há muito mel e mais coisas assim, que faz um dos nossos? Que é que ele havia de fazer? foi ver como é o mel. Destampou uma das colmeias e... não viu nada. Ficou com os olhos escondidos na cara e esta do tamanho de uma abobora! Espera-se que acabem os curiosos.

ONTEM ao jantar foi aqui um arraial. Um verdadeiro arraial. Primeiramente foi quando o cozinheiro vem ele mesmo trazer e colocar na mesa dos senhores o prato do dia. O servente recusou-se. Era um pastelão de batatas raladas e tostada no forno, dentro de uma prateira de barro de Barcelos, muito lindo e muito bem arranjado. Ora o servente da mesa dos senhores é o Carlos Inácio e

o Carlos Inácio é o Pastelão! Foi um arraial. O segundo arraial, teve lugar na maré em que o dito cozinheiro, volta de novo ao feitorio, conduzindo na mão uma cesta de verga com tampa, e esta fechada.

Cerejas, disse eu comigo mesmo. Vamos comer cerejas. As primeiras deste ano. Pois não eram cerejas nenhuma. Era mas era dois gatos! Oh algazairra!

Assim perde o medo, quem andava ontem fugido, com medo. Nem eles são maus, nem nós somos maus. Andávamos afastados, eis o verdadeiro mal. Há dias, estava eu em Lisboa. O quarto do meu hotel, dava prá Praça da Figueira. Deixei-me estar na janela, a gozar um grupo de garotos. Eles entravam na praça e daí a nada eram sacudidos por um homem lá de dentro, que os trazia até à porta, com uma vassoira na mão. Isto muitas vezes e sempre os mesmos. Um deles, chegou a comer uma vassoirada!

Aonde os maus? Os rapazes! O homem da vassoira? E' o medo que nos faz assim.

FUI há dias a S. João da Madeira e levei no «Morris» quatro pequenos de lá. Comeram em casa de uma pessoa amiga. A família nada tinha que lhes dar, de pobres!

No regresso, quis saber como foi e perguntei ao Francisco.

—A gente comeu um bocadinho de cada coisa para não parecer mal. Não estávamos em nossa casa.

Eu ouvi e pasmei. Quem ensinou a esta criança as regras da civilidade?! Quem é que lhe deu o sentir profundo e carinhoso daquele *não estávamos em nossa casa!* Eu sei. Ninguém lhe deu nada. Ninguém lhe ensinou nada. O rapaz tem tudo de seu. Este e os outros. Todos. Os educadores é que, às vezes, a título de ensinar e dar à criança a sua forma, deles, deformam. Ora eis, meus senhores e minhas senhoras.

ESTÁVAMOS nós hoje a jantar, quando o servente coloca sobre a mesa o prato do dia. Ervilhas. Arroz de ervilhas. Estava o professor Madureira que é, também, o superintendente da quinta. Comecei eu a servir-me e a deplorar. As ervilhas eram de fóra. Não eram da nossa quinta. Nós não temos ervilhas na nossa quinta! Vinte e oito hectares do que há de melhor para cultura! Estrumes. Adubos. Agua. Sol. Mão d'obra. Tudo — menos ervilhas! Deplorei. O professor Madureira não contava. Não sabia do meu gosto pelas ervilhas e, sendo um homem essencialmente pacífico, desequilibra-se um nadinha. Levanta a voz para explicar: *Aqui nada escapa. Estou farto desta gente. Eles comem as sementes de tudo. Comeram-me a das melancias, a dos melões, a das abóboras, e agora tenho de pedir ou de comprar. Andam a a comer a das favas ainda no campo. Estou farto. Quem quiser que os ature!*

O gesto acompanhava a palavra. Não se quis servir de ervilhas! Não tenho paciência! Não tenho paciência. Não sei aonde hei-de guardar as sementes! Eu comi e repeti. Gosto muito de ervilhas. E fiz uma descoberta: tenho paciência!

O Sapo vinha lá do fundo dos campos, mãos ocupadas com ovos de perua. Mãos pequenas, ovos grandes, trazia poucos, mas logo me disse que tinham ficado mais no ninheiro. Sapo, muito contente com os ovos, mais ainda por me ter topado, contou-me a sua habilidade enquanto exprimia alegria: *Eu cá esprieto-as. Vejo praonde eles vão e depois vou buscar os ovos.*

VOU tornar a dizer coisas do pastor e dos grilos. São assuntos de momento. O

tempo dos grilos passa, já se sabia, por uma notícia aqui relatada, que o pastor tem feito gróssio negócio de grilos, na população da aldeia. Costumava ele trazer consigo todas as tardes, dos montes, uma dezena deles e com essa dezena ia alimentando as necessidades do consumo e auferindo ótimos resultados. Mas que é que havia de acontecer? O que acontece com todos os mortais. O pastor, entusiasmado com o negócio, quer mais negócio. Negócio em maior escala. Vai à rouparia, pede à senhora uma caixa que fóra de sapatos. Perfura-a em todas as faces. Mete-a debaixo do braço e segue montes em fora atrás do seu rebanho e dos grilos. A tarde chegou a casa. Trazia cento e vinte grilos dentro da caixa! Que é que aconteceu? O que acontece agora e sempre e em toda a parte e com todos os homens. Estragou o negócio. Ninguém quer, ninguém mais procurou grilos na aldeia! Ora aqui está. Se éle ainda houve alguém que tenha duvidas sobre as causas do mercado negro, que ponha aqui os seus olhos. Em vez de brigadas — bateladas.

VENHO aqui acusar o batata velha. Ele vem hoje no jornal, mai-lo nova. Que fez éle? Não quer; não gosta de trabalhar. Foge ao trabalho. Sempre que pode, mete-se na rouparia e aninha-se ós pés da máquina, junto das senhoras. Elas, por sua vez, deixam-no estar. Os chefes vão por éle com duas sapatadas. Até aqui, nada de novo. A novidade vem agora. E' esta. E' dela que eu o acuso: O batata velha foi à enfermaria, apanhou uma ligadura ao enfermeiro, ligou-se muito ligado com ela e vai pró sítio do costume. Quando foram por éle, desata a gemer: Que tinha ali uma ferida. Não tinha nada. Tinha mas é uma grande dose de preguiça!

HOJE de manhã estava eu posto na capela, ocupado com a oração da manhã, quando o sacristão me segreda a noticia de que o Cete estava à porta, com um caso urgente.

Atendi à urgência e interrompi a oração. Há muitas formas e lugares de orar. Nas ruas, nas lojas, nos teatros, nos bailes, nos mercados, no campo — também se pode rezar e há muito quem reze. Fui ver. Era o Cete e o Abel. Este, mostrava uma grande maçaroca ensanguentada na ponte de um dedo. O sangue pingava. O Cete, começa a explicar. Trazia testemunhas. O da maçaroca também trazia testemunhas e preparava-se para explicar, mas eu não deixei.

Explicar o quê? Vi logo tudo. Já ando afeito. Vidro partido e acabou-se. Um vidro partido, Abel de dentro. Cete de fora. Abre a porta. Não abro. Mas isso é que abres. Mas isso é que não. O resto, sabe-se. Remédio? Talvez me espere a sorte de vir a ser o edificador da aldeia dos gaiatos de Lisboa. Talvez. Se assim acontecer, levo daqui uma grande experiência de onde há-de sair o remédio para este mal. Menos vidros na porta!

A CHEI 40 contos. Quarenta e um contos de rei! Foi assim. Tinha entregue esta quantia a alguém e nunca mais me lembrei de tal coisa. Foi num Banco. Ontem, vem a noticia do tal Banco a falar no tal dinheiro. Oh alegria! Paguei imediatamente uma conta de 20 contos, mais uma dita de 15 ditos, mais uma de 5 deles, e ainda fiquei com um conto de rei pra vidraças! Quem não procura nada para si, acha tudo quanto quer. Até nos Bancos — os homens das sete chaves, a emburhar clientes como faz a aranha às moscas! Oh garras!

Visado pela Comissão de Censura

DIZ-SE que o trabalho e a oração é que fazem o bom cristão.

Nem todos concordam com este axioma, uns só querem o primeiro elemento, outros só querem o segundo, mas eu creio que são igualmente principais, como dizia um polícia. A verdade é que a desordem cá em casa é sempre maior nos dias em que não há trabalho, como sucede ao domingo.

E' sempre com ansiedade que passo este dia fora. Naquele domingo a pressa de voltar a Miranda era maior e por isso me pareceu mais longa a viagem. O Chefe estava para o Porto e o Professor de folga.

A casa tinha sido entregue ao Rádio, um rapazinho de 15 anos.

Mal a bicha dos vagons parou, ainda fora da gare, já o fala-barato, de Mesão Frio, sempre sorridente, trepava ao estribo, a abrir a portinhola.

—Boas noticias? — perguntei.

—Assim, assim. A primeira é que fugiu um canário.

Fiquei aliviado. Se aquela era a mais sensacional das noticias, as outras já me não assustavam. Dizem — que foi o que veio de novo. Ele, enquanto esteve como hóspede, não se arrancava de ao pé do viveiro. Mas o canário voltou logo que lhe deu a fome, e foi meter-se noutra gaiola.

Esta história do passarinho que regressa ao seu lar, trazido pela fome, é a história de tantos outros gaiatos que fogem nos primeiros tempos, ao lembrarem a vadiagem antiga, mas que voltam, pouco depois, quando a larica aperta. Não que lá fora, sentenciava sensatamente há tempos o Zé Maria, não toca a sineta para a mesa.

—Que mais me contas tu?

—Hoje fui aos pobrezinhos. O pobre de Miranda tinha ido para a cadeia, por ser apanhado à lenha, e o do Carapinha estava doente e pediu açúcar. Olhe: e quando eu ia a ir, encontrei um homem a cavar.

—Não te calaste, estou a ver.

—Vai eu disse-lhe assim: ó tio, você não sabe que hoje é domingo? E ele respondeu:

—Isso que tem! A gente não come ao domingo?

—Come sim, mas não trabalha. Olhe que vossemecê abusa e um dia vai parar à «cafurna»?

—Quem te ensinou isso? Foi o P.º Adriano!

—Não é preciso ele ensinar. E' da Lei de Deus.

Admiro o atrevimento destes garotos que não toleiram o escândalo nem num homem de barbas. Já tem havido sarilhos por este motivo.

—Vamos lá; e que mais é que houve lá por casa.

—O rádio sempre tem uma geiteira! Hoje organizou um desafio só com miuditos. Foi muito divertido. Alguns davam o ponta-pé e caíam diante da bola quase sem a mover...

Entretanto a casa estava à visita. Uma chusma corre a saudar com o chefe à frente.

As novidades ferviam. O rádio começa também a apresentar as maselas do dia.

A acusação mais grave era a de que o chuta chegado na ante-véspera, tinha estragado um ninho de carriça e que o Zé das bolas tinha bebido os ovos. Depois confirmou a noticia da prisão do pobrezito de Miranda, acabando por pedir que o deixasse ir à Louzã, de bicicleta, visitá-lo, à cadeia.

Estávamos a chegar, nessa altura, à nossa fonte. A bica deixa cair 45 litros por minuto.

—Que pena aquela bica não deitar agora azeite durante uma hora dizia o rádio.

—E para que o querias?

—Era para dar fartura a todos os nossos pobres.

Ora aqui está: 45 tratantes da rua confiados a uma criança, e nem a mais leve beliscadura. Depois de velar paternalmente pelos seus irmãos, o rádio ainda fica com tempo suficiente para pensar nos pobres, que irmãos são também. Já perto da noite um automóvel parava ao fundo do escadório.

Meia duzia de correios vem anunciar a aproximação do Dr. Ferreira, o amável hospedeiro dos ardinas da Louzã. Enquanto estes fazem festas ao cãozito já muito conhecido deles, o nosso visitante diz ao que vem.

—Venho pedir o rádio para o meu atelier.

—Olhe, meu senhor, pelo que V. o quer, por esse mesmo motivo o quer o Sr. Padre Américo e eu também. A Obra é de Rapazes.

O Pedro acaba de provar que sabe ser chefe. Nós precisamos de chefes.

P.º ADRIANO.

## DESABAFO

CONTINUAÇÃO DA PRIMEIRA PÁGINA

desatasse, também, a imitar os outros jornais. Que é da graça deste? Cada um ponha a SUA alma no que diz ou no que faz, e verá como impressiona necessariamente as almas. Ouve-se agora a poupa. Ouve-se o rouxinol. Que diferença de estilo! Que beleza nos dois! Quizesse a poupa imitar o rouxinol ou este aquela. Oh desastre! O teu desastre!